



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **NIETZSCHE E A CRÍTICA A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO**

*Maria Catarina Ananias de Araújo*

*Universidade Estadual da Paraíba [mariacatarinaan@gmail.com](mailto:mariacatarinaan@gmail.com)*

*GT1 - História da Educação*

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo expor a crítica do filósofo alemão Friedrich Nietzsche a educação moderna de modo geral e a concepção histórica do ensino nas escolas alemãs de seu tempo. Nietzsche é sem dúvidas um dos maiores críticos da tradição moderna e a educação não poderia lhe passar despercebida. Em sua concepção o ensino moderno está contaminado pela valorização excessiva da cultura histórica e seus personagens. Essa valorização desmesurada privilegia os acontecimentos do passado prejudicando o desenvolvimento do presente, da realidade factual, tornando o ensino em uma espécie de repetição enfadonha e desnecessária que limita a criatividade dos indivíduos. Ainda de acordo com Nietzsche, esse modelo de educação é preservado nas instituições modernas porque ela atende aos interesses de uma elite tida como erudita que deseja perpetuar-se no poder moldando os indivíduos a seu gosto e assim controlá-los. Nessa perspectiva, podemos compreender a importância da crítica nietzschiana a educação moderna e sua contribuição para enquanto educadores, refletirmos sobre a realidade do ensino atual seja no âmbito público, seja no âmbito privado.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Educação. Cultura histórica. Ensino.

### **1 INTRODUÇÃO**



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi, indubitavelmente, o crítico mais implacável que a modernidade conheceu. Em suas reflexões ele faz um violento ataque a subjetividade moderna ou ao modelo lingüístico-moral empregado ao sujeito, modelo este que como interesse principal sustentar o discurso humanista. Para explicar essa questão ele começa por desmascarar a busca da verdade que os filósofos tanto se empenham em desvendar. Por que Nietzsche desaprova essa busca? Será que ele considera a verdade inatingível? Não. O questionamento não diz respeito à verdade em si, o que o incomoda Nietzsche é a chamada “vontade de verdade” que tanto os filósofos alimentam o que ela representa segundo ele é a negação ou fuga da vida.

A vida conforme Nietzsche significa tudo e em seu cerne tudo se realiza. O falso e o verdadeiro, o bom e o mal, o certo e o errado fazem parte da vida e não há espaço para hierarquias nesse processo. O que os filósofos fazem diante disso? Ao invés de ressaltar essas características próprias da existência as escondem e distorcem produzindo assim a desvalorização do humano.

Por que os filósofos agem dessa forma? Eles agem assim porque segundo Nietzsche, não suportam a angústia que o processo da vida gera, passando então a procurar um conforto, uma tranquilidade, uma certeza. Qual é essa certeza? A certeza de que a verdade existe e que eles têm acesso a ela. Ao constatar isso Nietzsche percebe que o que se deseja realmente não é encontrar a verdade e sim um conforto espiritual.

A busca de conforto espiritual disfarçada de busca pela verdade sustentada pela metafísica é o que fomenta o ataque Nietzscheano à concepção de sujeito que na realidade, não passa de uma ficção gramatical, onde ao desenvolvermos a linguagem a estruturamos de modo que o sujeito fique colocado no desempenho da ação tornando-se um ser lingüístico e não ontológico. Essa armadilha da linguagem confere a sustentabilidade necessária para a afirmação do falso discurso propagado pela filosofia moderna.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Por qual motivo não percebemos o estratagema da linguagem e acreditamos sermos seres autênticos e autônomos? Ora, porque nos tornamos vítimas do niilismo que inculca em nossas mentes preceitos morais e ideológicos que aceitamos como verdadeiros, justamente por acreditarmos na nossa consciência livre e autônoma. É nesse contexto que o sujeito segundo o pensamento Nietzscheano vive dentro de uma peça de ficção, onde os valores dos fracos são introjetados nos fortes.

O que o ataque Nietzscheano à subjetividade moderna tem a ver com a educação? Tudo. Se há no discurso moderno o interesse de introjetar nos indivíduos os valores que os filósofos e a filosofia da cultura julgam serem verdadeiros nada mais convenientes do que usar o sistema de ensino para disseminá-los, daí a preocupação de Nietzsche com as questões educacionais.

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise da obra *Escritos sobre educação* com a intenção de identificar e estruturar a crítica de Nietzsche às instituições de ensino de sua época. Demonstrando os motivos pelos quais ele desaprova o sistema moderno de educação.

## 2 O ENSINO E SUA CONCEPÇÃO HISTÓRICA

Nietzsche inicia sua reflexão questionando uma característica marcante do ensino nas instituições alemãs, a valorização excessiva da cultura histórica que exalta de forma exagerada os personagens do passado, fato que impede de imediato a possibilidade de construção de uma cultura renovada e mais adequada à atualidade. De acordo com DIAS (1991):

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica, que, ao privilegiar os acontecimentos do passado, retira do presente sua efetividade e desenraiza o futuro. Uma



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

história, um pensamento que não servem para engendra vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana (DIAS, 1991, p.60).

A preocupação do nosso autor com a formação dos jovens na Alemanha é justificada a partir do momento em que a educação funda-se na concepção histórica, não priorizando a capacidade de inovação dos educandos, não desejando formar indivíduos criativos e capazes de superar o pensamento vigente.

Por que isso ocorre? Porque existe por parte da filosofia moderna e demais beneficiados o interesse na manutenção da cultura histórica, pois ela pode moldar o sujeito a gosto dos que desejam escravizá-los. Logo, a educação é influenciada pela cultura vigente que usa os estabelecimentos de ensino para garantir sua reprodução. Conforme o próprio Nietzsche afirma:

Os ginásios podem, portanto, ser ainda hoje viveiros da erudição, mas não desta erudição que é somente, por assim, dizer, o efeito secundário natural e não premeditado de uma cultura dirigida aos objetivos mais nobres, mas antes daquela que seria preciso comparar com a inchação hipertrofiada de um corpo malsão. Os ginásios são exatamente os viveiros para onde e transplantada essa obesidade acadêmica, quando são degeneram a ponto de se transformarem em escolas de gladiadores desta elegante barbárie, que agora se pavoneia com o nome de “cultura alemã atual” (NIETZSCHE, 2003, p.96).

A cultura histórica lança mão de ilusões sedutoras através do ensino, faz com que todos os homens busquem tornarem-se cultos, para trabalhar por ela, no que parece ser o interesse de cada um se revela o interesse de poucos – este é o princípio do pensamento



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vigente, fazer com que o sentido da existência de todos seja sucumbido pelo sentido da existência de alguns.

Para Nietzsche a cultura e a cultura histórica são confundidas por isso acontece a distorção e a conseqüente desvalorização da cultura autêntica. Sob a ótica histórica, a cultura só tem fundamento se for necessariamente fomentada a partir da própria história. Nietzsche por seu turno afirma que a cultura só tem fundamento se for fomentada a partir da vida concreta.

É preciso ficar claro que Nietzsche não tem a ingenuidade de opor à história a ausência de sentido histórico. O que discute é em que medida a história pode ser útil à vida. Analisa as causas e descreve os sintomas da doença histórica: a expansão do saber e o conseqüente enfraquecimento da cultura. Nós não somos feitos para saber, o saber é quem é feito para nós. A vida tem necessidade da história e a história é própria do ser vivo. O excesso de história, no entanto, envenena a vida (DIAS, 1991, p.61)

Fica claro então, que Nietzsche não condena a cultura histórica em si mesma e sim o seu uso exagerado por parte da filosofia moderna. É importante conhecer o passado e seus personagens, mas não em demasia como acontecia na Alemanha com o intuito de modelar os indivíduos segundo determinados interesses.

Infelizmente não há parte dos filósofos modernos a vontade de equilibrar ou dosar o conhecimento da cultura histórica nos estabelecimentos de ensino. À cultura é atribuído o papel de formar técnicos eficientes, dóceis e acríticos produzindo uma verdadeira barbárie disfarçada de erudição.

A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão “correntes” quanto possível, um pouco no sentido em que se fala



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de uma “moeda corrente”. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a tornar-se “corrente”. Formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e lucro (NIETZSCHE, 2003,p.62).

Este é o verdadeiro objetivo da cultura na perspectiva moderna, conduzir os indivíduos segundo a lógica econômica, onde o conhecimento é tratado como algo improdutivo sem valor efetivo, só tendo valor aquele saber destinado ao lucro. Este último representa o conhecimento vago e estático que tira da vida o seu sentido. Nietzsche rejeita essa forma de saber não por considerá-lo inútil, mas por ela não conter em si os valores essenciais. Essa é, segundo o pensamento Nietzscheano a diferença entre a cultura verdadeira e a cultura falsa que é disseminada nas instituições educacionais.

Portanto, meus amigos, não confundam esta cultura, esta deusa etérea, delicada e de pés ligeiros, com esta útil escrava que se costuma chamar às vezes de “cultura”, mas que é somente a criada e conselheira intelectual das necessidades da vida, do ganho, da miséria. Além disso, toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência (NIETZSCHE, 2003).

Essa é a crítica que Nietzsche faz aos estabelecimentos de ensino, ao invés dessas instituições com seus mestres e alunos refutarem a cultura falsa, a edificam através de



seus conteúdos programáticos. Logicamente, estas instituições são obrigadas pelas circunstâncias a formar os jovens de acordo com as exigências da atualidade, mas mesmo assim não podem ser consideradas instituições de cultura no sentido pleno da palavra.

A primeira vista Nietzsche pode parecer intransigente demais com essas instituições, mas na verdade ele só quer nos advertir a respeito do conhecimento limitado que era repassado aos jovens da Alemanha, conhecimento que prepara para a profissão e desprepara para a vida, abrindo mão da cultura autêntica em prol da cultura histórica e inautêntica.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que acontece nos estabelecimentos de ensino que desperta o descontentamento de Nietzsche com a educação? Essas instituições manipuladas pelo Estado privilegiam o passado e seus personagens, não abrindo espaço para inovação e para fomentação de uma cultura verdadeira.

No pensamento Nietzscheano a idéia de sujeito livre e autônomo difundida pela filosofia moderna é uma farsa, não passando de pura estratégia dos “fracos” para dominar os “fortes” e a educação moderna também faz parte dessa estratégia se enquadrando nesse sistema de dominação.

O Estado fornece ao sistema de ensino: os objetivos, os mestres e os métodos para enaltecer a cultura histórica e o cientificismo, reproduzindo no sujeito seus valores. E, assim, para usar uma linguagem tipicamente Nietzscheana a “ovelha” vai dominando o “lobo”. Logo, o sujeito moderno é vítima do ensino histórico cientificista tornando-se



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um ser indiferente a sua própria vida, insensível e sem força vital, mesmo acreditando ser senhor de si mesmo e de seus atos.

Ao analisar o sistema de ensino moderno. Nietzsche deu uma importante contribuição para a compreensão dos problemas educacionais de sua época que continuam presentes nos dias atuais. Daí é necessário recorrer sempre que possível as suas considerações sobre educação para refletirmos sobre as condições do ensino que cada vez mais, torna-se desumanizado.

## REFERÊNCIAS

ANDREAS, Lou Salomé. *Nietzsche em suas obras*. Tradução José C. M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1994

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmund Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976

DIAS, R.M. *Nietzsche educador: Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Spicione, 1991.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim Lourenço. Lisboa: Presença, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LUKESI, L.L. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1997.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NIETZSCHE, F.W. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: Ed. Puc- Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Graal/Paz e Terra, 1991.